

Pedagogia crítica revisitada

Critical pedagogy revisited

Danilo Streck
dstreck@unisinis.br

McLAREN, P. e JARAMILLO, N. 2007. *Pedagogy and Praxis in the Age of Empire: Towards a New Humanism*. Rotterdam, Taipei, Sense Publishers, 206 p.

O punho cerrado que segura o lápis sai do meio de um livro aberto, com as folhas em branco. A ilustração do “punho do conhecimento”, de Marcelo Layera, anteposta a cada um dos quatro capítulos indica o sentido que os autores atribuem ao conhecimento: em suas palavras, “a teoria conhecida como pedagogia crítica revolucionária é ao mesmo tempo partidária e objetiva” (p. 97, tradução nossa). Ela é partidária, porque prefigura a superação das relações sociais de exploração capitalista. Ela é objetiva, porque está enraizada na materialidade da vida produzida pelo trabalho humano. A ilustração simboliza também a força das palavras que denunciam o império de dentro de suas entranhas.

Peter McLaren, professor da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, é bem conhecido de outros trabalhos, muitos deles publicados no Brasil. Dentre os diversos títulos podemos citar *Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação* (1992), *Multiculturalismo crítico* (1997a), *A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação* (1997b), *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio* (2000). Sua companheira neste trabalho é Nathalia Jaramillo, professora da Universidade de Purdue. O livro faz parte da série “Transgressões: estudos culturais e educação”, editada sob a responsabilidade de Shirley Steinberg e Joe Kinchenloe, ambos da McGill University, em Montreal.

Os autores fazem uma leitura do contexto histórico atual tendo como parâmetro fatos que indicam que a hegemonia norte-americana se transformou num novo imperialismo que não tem escrúpulos em usar a violência da força de seu poderio bélico ou as mentiras de suas poderosas máquinas de inventar notícias quando se trata de garantir a lucratividade dos negócios ao redor do mundo. Nesse sentido, um personagem central do livro é George Bush *hijo*, no qual se concentra e revela todo o cinismo da política externa norte-americana. O fato mais marcante é a invasão do Iraque, hoje escancarada como um pretexto para garantir o fluxo do petróleo do Oriente Médio durante as próximas décadas a um custo humano e cultural incalculável.

A introdução traz o título “A crescente onda de beligerância” e propõe o argumento de que os fatos da política interna e externa se encontram sob a mão, nem sempre tão invisível, do capital. Assim, por exemplo, quando o Furacão Katrina atingiu a costa da Louisiana e devastou a cidade de New Orleans, percebeu-se em seus rastros a crise de classe e de raça nos Estados Unidos. Foram os pobres que ficaram sem transporte e sem moradia, e também foram eles que mais uma vez levaram a fama de baderneiros e saqueadores. “Aqueles africano-americanos que em vão imploraram para ser salvos do topo de seus telhados, aqueles que afogaram nos seus sótãos, aqueles que foram abandonados e morreram nos hospitais e lares de idosos, aqueles cujos corpos incha-

dos fluuavam pelas avenidas – todos eles eram testemunhas da imagem, como que vista através do espelho retrovisor, da violência dirigida contra seus ancestrais, mas desta vez vestida como uma ‘resposta ineficaz’ a uma ação de Deus” (p. 13, tradução nossa).

O primeiro capítulo analisa a crise da esquerda educacional nos Estados Unidos. O grande desafio dos educadores críticos hoje estaria em lutar pela não integração da esfera pública nas práticas neoliberais e imperialistas do Estado e do capitalismo globalizado. A pedagogia crítica não ficou imune à proclamada vitória do pensamento de que o mundo encontrou definitivamente a sua melhor forma de funcionar, bastando pequenos ajustes para aperfeiçoá-lo. No entanto, defendem os autores, a justiça social não será alcançada através da simples redistribuição da riqueza, mas da mudança nas estruturas que definem as relações da produção e a propriedade dos meios de produção. O que houve, dizem os autores, foi uma “domesticação da teoria crítica”, adaptando-a aos protocolos da classe financeira dominante. A recuperação da teoria crítica passa tanto pela releitura de Marx quanto pela observação de movimentos sociais que encerram a possibilidade de transformação social.

O segundo capítulo tem como tema central a análise da política do governo norte-americano conhecida por “No child left behind” (Nenhuma criança deixada para trás). Neste programa, os exames de competência anuais são acompanhados de um complexo sistema de sanções para fracassos e mecanismos de compensação. Um deles é o recurso a atividades extracurriculares providas por instituições que oferecem serviços educacionais, abrindo espaço tanto para corporações no ramo educacional quanto para agências de caráter religioso, o que na atual conjuntura norte-americana significa a ampliação da influência de setores fundamentalistas. Os autores advogam uma educação popular para além das fronteiras nacionais, baseada nos movimentos sociais que desafiam a ordem capitalista globalizada. Isso significa, entre outras tarefas, denunciar a parceria que se estabeleceu entre a escola e o mundo dos negócios, contentando-se esta em adaptar-se aos atuais arranjos de reprodução social. A pedagogia crítica revolucionária não se baseia em uma única narrativa mestra de libertação, mas numa “metanarrativa de esperança e solidariedade” que busca “desnaturalizar” as relações sociais capitalistas a partir de diferentes lugares e perspectivas.

O terceiro capítulo é dedicado à educação do/a latino/a (*latino/a education*), mostrando que a luta de classes está inscrita no cenário global. Interessam aos autores os movimentos emancipatórios, em especial na América Latina, capazes de assegurar um movimento contra-hegemônico. Recorrendo à dialética marxista, os autores

recuperam o conceito de *negatividade absoluta* ou *segunda negação*, que consiste em extrair a positividade da negatividade. O desejo de libertação dos oprimidos estaria expresso na própria negação de sua humanidade. Ainda, baseados em Robinson, McLaren e Jaramillo destacam quatro princípios para um efetivo movimento contra-hegemônico: primeiro, a necessidade de construir uma força política baseada numa visão ampliada de transformação social; segundo, construir uma alternativa econômica para o capitalismo global; terceiro, a necessidade de as classes populares transnacionalizarem as suas lutas; quarto, um incansável compromisso com o Outro. Os autores ressaltam que, ao proporem o retorno a Marx, não estão se referindo a uma volta ao passado, numa compreensão linear da história. Trata-se mais propriamente de avançar no sentido de tomar consciência da história viva, que é tanto a fonte quanto o destino do sujeito humano.

Este parágrafo, que encontramos quase ao fim do terceiro capítulo, contém uma visão bastante precisa da compreensão de pedagogia crítica expressa no livro:

Pedagogia crítica, como nós a concebemos, evita as más infinitudes da pedagogia hegemônica na qual verdade e justiça são buscadas fora da história viva nos espaços de uma *outredade* mística. Em contraposição, nós reafirmamos nossa convicção de que o mundo subjuntivo do que “deveria ser” precisa ser forjado dentro do mundo imperfeito, parcial, defeituoso e finito daquilo “que é”, através do ato dialético da negação absoluta. É a procura e luta por uma utopia na qual o futuro está inerente nas forças materiais do presente. Ele nasce das contradições existentes no momento presente. A pedagogia crítica, por cuja construção estamos lutando, está direcionada para a transformação do estabelecido modo de reprodução metabólica da sociedade [...], oposta à transcendência metafísica, através do ingresso no mundo subjuntivo do que “poderia ser” (p. 116, tradução nossa).

O quarto e último capítulo traz o sugestivo título “O guerreiro cowboy de Deus: cristianismo, globalização e falsos profetas do imperialismo”. Trata-se de uma vigorosa denúncia do uso da religião como instrumento de legitimação das atrocidades cometidas pelo governo norte-americano em décadas de invasões e ocupações. George Bush, um cristão renascido, faz sua autoridade basear-se na autoridade absoluta e literal da Bíblia. Daí seu zelo na luta contra o “mal” e sua falta de dúvidas sobre o acerto de suas políticas e ações. Há inúmeros detalhes e informações que revelam a apropriação da religião para a guerra santa que não acidentalmente coincide com a guerra pela manutenção e expansão do império. Rejeitar as ações das políticas dos Estados Unidos é entendido por Bush e por aqueles que comungam com o seu fundamentalismo evangélico como rejeitar a Deus.

Na *Conclusão*, os autores retornam para os requisitos de uma teoria pedagógica crítica. Para transcender o

mundo dividido em que vivemos, é necessário mudar, argumentam eles, para outro registro formado em torno dos eixos do compromisso, da solidariedade e da compreensão. Não se trata de identificar possibilidades além e fora das precondições existentes nem de identificar formas de reconhecer o Outro, mas antes de encontrar meios de responder aos desafios que o Outro coloca como resposta às políticas que são propostas para o seu reconhecimento. Por fim, trata-se de entender a pedagogia como parte da filosofia da vida cotidiana, inserida na história concreta onde se gera a opressão.

Os parágrafos acima certamente não dão conta da riqueza do conteúdo do livro, muito menos do seu estilo vibrante no qual a força das palavras provém do fato de estarem coladas à realidade. Ao longo da leitura, perguntava-me sobre a pertinência do livro para quem não está nas entranhas do monstro, como Peter McLaren e Nathalia Jaramillo. Eis algumas respostas que encontrei para a minha indignação.

Primeiro, o presidente George Bush ocupa um lugar de destaque no livro como alvo das mais ácidas críticas, junto com ministros e funcionários do alto escalão do governo norte-americano. O que nós, na outra extremidade do planeta, temos a ver com detalhes da atuação do governo na seqüência do Furacão Katrina, do 11 de setembro ou com a Guerra do Iraque? No livro, o Presidente Bush é tratado como uma figura emblemática, representando o centro do império e, como tal, falando em nome do mundo corporativo e dos interesses de importantes segmentos da população norte-americana e de outros países centrais. Mesmo que na eleição de 2008 alguém de outro partido venha a ocupar o *Oval Office* da Casa Branca, sabe-se que os interesses a serem defendidos não mudarão substancialmente. Poderão mudar os argumentos e a ferocidade da sanha imperialista, mas é muito pouco provável que nas próximas décadas seja permitido ao Iraque criar algo que se distancie dos padrões da democracia lá imposta com a força das armas. Saber como se formam e se articulam os argumentos de conquista e dominação nas entranhas da besta é um exercício importante para poder conectar os movimentos de resistências espalhados por todos os continentes.

Em segundo lugar, destacaria o exercício de recuperar a teoria marxista para a pedagogia crítica. Peter McLaren e Nathalia Jaramillo procuram mostrar como as questões de raça, de gênero e classe estão intrinsecamente relacionadas. Não se encontra no livro um programa para a luta de classes ou algo semelhante. O que os autores propõem é um exercício de pensar a possibilidade de existência de uma sociedade que seja regida por valores que estejam além das malhas do mercado, mas que, ao mesmo tempo, brotam das contradições nele existentes. Eles têm consciência de que nos próximos anos dificilmente

algo nesse sentido poderá acontecer nos Estados Unidos, mas isso representa apenas um desafio a mais para quem acredita que a história não tem seu curso predeterminado.

Podemos ver, como terceiro destaque, que o livro é uma espécie de atualização da *Pedagogia do oprimido* de Paulo Freire (1983). O contexto é distinto, outros são os atores, mas a questão de fundo persiste: continua havendo seres humanos oprimidos por forças que aparentemente estão além de seu controle e que precisam ser nomeadas. Mesmo que Freire não esteja presente nas referências, ele é, sem dúvida, o grande inspirador desta possibilidade de se pensar a pedagogia a partir do Outro, aquele que está à margem, integrado de forma subalterna no sistema. Agora não se trataria mais de *uma* pedagogia do oprimido, mas de um conjunto de pedagogias de pessoas e grupos oprimidos em sua luta cotidiana pela criação de outras possibilidades de viver junto.

Por fim, o livro é um testemunho de intelectuais comprometidos com a leitura do mundo em que vivem, procurando identificar os processos, mas também os atores. A história não é um amontoado de fatos produzidos por conta de um destino, mas é produzida por interesses que, por sua vez, são promovidos e reproduzidos por homens e mulheres. Os educadores e as educadoras também contam entre os agentes da história, como os autores escrevem no fim do livro, em espanhol: “Mereces lo que sueñas. El maestro enseñando también está luchando. Larga vida a la resistencia educativa! Que saquen fuerzas para las luchas que se aproximan” (p. 201).

Referências

- FREIRE, P. 1983. *Pedagogia do oprimido*. 9ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 218 p.
- MCLAREN, P. 1992. *Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Petrópolis, Vozes, 397 p.
- MCLAREN, P. 1997a. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo, Cortez, 239 p.
- MCLAREN, P. 1997b. *A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação*. 2ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 353 p.
- MCLAREN, P. 2000. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre, Artmed, 304 p.

Submetido em: 03/02/2008

Aceito em: 03/03/2008

Danilo Streck
UNISINOS
Av. Unisinos, 950
93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil